

Duquesne University

Duquesne Scholarship Collection

I/D Informação Documentação (Portuguese)

ID and Anima Una

10-1-1981

1981 Vol 29: Espiritanos de amanhã

A Equipe Generalícia

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/id-po>

Repository Citation

A Equipe Generalícia. (1981). 1981 Vol 29: Espiritanos de amanhã. Retrieved from <https://dsc.duq.edu/id-po/31>

This Article is brought to you for free and open access by the ID and Anima Una at Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in I/D Informação Documentação (Portuguese) by an authorized administrator of Duquesne Scholarship Collection.

EQUIPA GENERALÍCIA

Espiritanos de amanhã

CONGREGAZIONE DELLO SPIRITO SANTO - CLIVO DI CINNA, 195 - 00136 ROMA

SONHAR...! PORQUÊ ?

Sim, temos um sonho! e reflectir sobre formação é realmente falar do nosso sonho, da nossa visão do futuro. Para além do que realmente somos hoje, é ir para o que podemos ser amanhã. Mais ainda: é aceitar o desafio de traçar algumas linhas, ainda escondidas, de um mundo novo que se esforça por nascer. Bem sabemos que é ser presunçoso pretender ser proféticos em tal domínio, mas nós temos de falar.

UM DIÁLOGO DE ESPERANÇA.

O Capítulo de 1981, consciente do futuro, pôs a formação como maior prioridade de animação para o Conselho Geral. A Equipa Generalícia está convencida da importância especialíssima desta empresa e, cheia de admiração pelos progressos realizados nos programas de formação espiritual, propomo-nos iniciar um diálogo de esperança; primeiro, sem dúvida, com os que se dedicam ao trabalho de formação, mas também com todos os confrades; um diálogo orientado para o ano 2000 e, porque não para mais longe? um diálogo que não pode fixar-se nas falsas seguranças do passado, nem mesmo nas realizações presentes, mas que deve favorecer a nossa caminhada para a conversão de todos à única segurança, ao único absoluto: a Boa Nova de Cristo, Senhor da História.

No decorrer dos últimos quinze anos, os que, de fora, julgavam a formação, eram como que observadores. De longe, davam-se conta sobretudo das coisas que desapareciam; e eram tantas que seria fastidioso enumerá-las todas: perda de instituições veneradas e veneráveis, confusão dos valores aceites, a reposição de tudo em causa, a diminuição assombrosa do número dos nossos estudantes, o afrontamento entre as autoridades e os jovens — entre 'eles' e 'nós' — as defecções mesmo no seio do pessoal em formação...

No entanto, sobrevivemos e chegámos a um caminho novo. Não resolvemos todos os problemas, não chegámos à Terra da Promissão; mas, devemos reconhecê-lo, em toda a Congregação existem hoje programas válidos de formação, nos lugares onde estudantes e formadores, a trabalhar em conjunto, num respeito mútuo e fraterno, procuram a sério os valores espiritanos. Melhor ainda, todos se sentem na alegria de servir um único Mestre, numa atitude de oração e de intercâmbio, para discernir a sua vontade a respeito da comunidade.

Nota-se nos jovens confrades uma revolução tranquila, relativamente às riquezas da vida comunitária; ela representa, todavia, para todos nós uma reposição em causa de muitas coisas. Ideais de vida comum, exaltados por muito tempo, em teoria, estão em vias de se tornar uma exigência entre os jovens de hoje. A preferência manifestada por Cristo na sua escolha dos pobres e dos oprimidos é tomada muito a sério no estilo de vida e no quadro das casas de formação. Os responsáveis estão à vontade, a maior parte das vezes, tanto na sua qualidade de irmãos como na sua função de guias, e estão convencidos de que a sua função é um serviço da comunidade. As novas Fundações, sinal de esperança, trazem, a seu modo, uma provocação a que seja repensado e re-avaliado o que para um espírito ocidental ia demasiado bem, por si mesmo.

NÓS APRENDEMOS

Devemos reconhecer que o sofrimento dos últimos quinze anos foi verdadeiramente uma ocasião de aprender : aprender que a formação diz mais respeito ao ser do que ao fazer; que a conversão verdadeira se opera no interior, na aceitação pessoal dos valores, mais do que na conformidade exterior a uma regra; aprender que o Espírito de Deus também fala pela voz dos jovens, do mesmo modo que pela das autoridades, e que uns e outros têm de se confrontar com o real. Aprendemos que, na formação, o importante é a pessoa, não a estrutura, e que cada candidato é um dom de Deus à Congregação. Aprendemos que as suas aspirações merecem ser reconhecidas; que a sua riqueza única deve ser apreciada e afirmada, do mesmo modo que a sua personalidade, a sua história, os seus talentos e valores; que devemos ter muito em conta sobretudo o seu desenvolvimento afectivo. E o candidato deve descobrir também que na sua natureza nem tudo é perfeito; não pode pretender realizar-se, "reduzindo a nada a Cruz de Cristo".

No seu conjunto, também a formação seguiu o modelo do mistério pascal, de morte e ressurreição. No seu conjunto, dizemos, pois nem tudo nela é doçura e luz. Existem buracos escuros na Congregação, onde a morte e o túmulo são ainda realidades; existem ainda regiões, onde é grande o sofrimento e onde os esforços no ministério das vocações nada mais conseguiram mostrar, além da decepção. Responsáveis pela formação e Superiores Maiores sentem o isolamento e a obscuridade da noite no seu combate por revitalizar e dar uma nova vida à sua Província.

Há ainda uma outra realidade dolorosa: por motivos diversos, há confrades que ficaram feridos psicológica e espiritualmente. Parece-lhes que a única resposta é morrer interiormente relativamente a tudo o que é renovo e renovação. Perderam o entusiasmo pelo Reino e pela Missão actualmente, assim como o entusiasmo por viver felizes com outros em comunidade. Longe de os censurar, a Congregação tem o dever de os ajudar com afecto e respeito.

QUESTÕES DIFÍCEIS

Por outro lado, tenhamos a coragem de apresentar algumas questões difíceis. É claro que estamos dispostos a fazer todo o possível por infundir entusiasmo e alegria de viver nas nossas comunidades de formação. Todavia, *apesar de todas as qualidades da jovem geração*, existem nela uma fragilidade e sensibilidade, por vezes excessivas, a que devemos estar atentos. Será isto uma participação na humanidade de Cristo, capacidade de ser ferido como Ele, e que nós resumimos na palavra vulnerabilidade? Ou não será antes uma fraqueza que exige seja superada com a coragem e ousadia que nos levam a suportar a inevitável cruz da vida de todos os dias?.

As ideias sobre a formação, adoptadas no Capítulo de 1980, têm grande valor: resumem a experiência dos que transportaram o fardo e a alegria do trabalho de formação; são a expressão de um consenso relativo a verdades carinhosamente aprendidas, verdades essenciais sobre a vida e sobre a humanidade. A formação deve *ter em conta o conjunto das orientações do Capítulo Geral de 1980*: a Missão hoje, a Missão universal da Igreja e o Projecto comum da Congregação, o empenho a favor dos pobres e da "Justiça e Paz", as novas Fundações, a vida de comunidade e as novas formas de pertença, a internacionalidade e a importância da animação.

Deixemos também que os acontecimentos nos digam o que temos a fazer. O Capítulo tinha os olhos voltados para o futuro. Seria fazer injúria ao espírito do Capítulo considerar os seus documentos como gravados no mármore. O texto sobre a formação dá-nos um plano dinâmico para o futuro, apresenta-nos a situação actual e a nossa experiência neste domínio, para nos orientar para o amanhã; nada mais. Continuam frágeis certos critérios no discernimento do caminho que nos conduz para o futuro. São como postes indicadores, a balizar a estrada em direcção ao mundo de amanhã, graças ao que notamos hoje, mas a sua forma última continua escondida mesmo aos olhos do futurólogo mais perspicaz.

O recente encontro de SEDOS sobre o futuro da Missão debruçou-se, entre ou-

tros problemas, sobre a *formação missionária no futuro*. Precisou-se que os programas de formação deveriam abrir os candidatos aos povos entre os quais irão trabalhar, e particularmente aos pobres. Para a formação preparar para uma verdadeira vida de comunidade, deverá insistir em tudo o que facilite a comunhão, orientar para uma análise da sociedade, impelir a confiar responsabilidades às pessoas da Igreja local. Será necessária uma nova espiritualidade missionária, para rebater os desafios do futuro. Para além de uma formação individual, indispensável neste domínio da espiritualidade, é necessário incluir as dimensões sociais requeridas por qualquer espiritualidade missionária autêntica, sobretudo nas suas relações com a justiça. O Conselho Mundial das Igrejas, em 1979, apresentou o missionário de hoje como *uma pessoa de diálogo (que)...escuta o outro (e) entra inteiramente nas situações da verdadeira vida das pessoas, para descobrir os seus problemas, não os nossos; (que)...está pronto a, de boa vontade, abandonar o seu poder e que resiste à tentação de impor o que nós temos para oferecer. (que)...põe de lado os seus projectos para descobrir com as pessoas os projectos delas, (que)..... aceita o facto de não ser senhor de toda a verdade, (e)...é capaz de dizer sim às pessoas de modo criativo e salvífico.*

É verdade que no meio da grande confusão do nosso mundo, os jovens procuram alguma coisa: qualquer coisa que corresponda ao seu ideal, ao seu sentido do transcendente, ao seu empenho em criar um mundo melhor. Pode ser que esta procura seja falha de realismo, às vezes; que esteja misturada também com contra-valores; nem por isso deixa de ser uma poderosa força para a vinda do Reino. Temos de lidar apenas com um número restrito de candidatos; mas os jovens pescadores escolhidos por Jesus eram também um pequeno número, e os Doze ficaram tão desconcertados com a imensidade da sua tarefa, como o ficariam todas as gerações futuras. S. Lucas esclarece-nos sobre o modo como Jesus procedeu na formação dos Apóstolos: Jesus põe, primeiro, os discípulos em contacto com o mundo, tal como ele é, com os seus problemas, as suas situações de pobreza e de opressão, com o pecado do mundo; depois, põe-nos em contacto consigo mesmo, "Caminho, Verdade e Vida". Se não respondermos ao desejo profundo dos jovens de hoje, de terem verdadeiras comunidades, estas comunidades surgirão sem nós. Seria falso crer que a Congregação pode renovar-se apenas pela formação. O renovamento de cada comunidade deve andar a par da renovação das casas de formação, ou então encontrar-nos-emos num beco sem saída, decepcionados.

ELES, MAS NÓS TAMBÉM

A comunidade de formação e todas as comunidades devem ter a preocupação de ESCUTAR e DIALOGAR. Cada estudante, cada confrade, traz em si mesmo o seu próprio mistério, pessoal e sagrado, que não pode ser violado. Mas, ao mesmo tempo, devemos agir num espaço em que é normal trocar impressões sobre o que temos a peito, sobre o que é necessário mudar. Se a comunidade estiver enraizada em Cristo, se Ele for verdadeiramente o centro da comunidade, ela será um meio de liberdade, de maturidade e de confiança em si próprio. Só Cristo pode reconciliar e harmonizar as tensões entre a intimidade e a abertura, entre o que é pessoal e o que é acolhimento, entre uma comunidade que protege e uma comunidade que irradia.

A comunidade de formação e todas as comunidades devem permitir a REPOSIÇÃO DE PROBLEMAS. Num mundo habituado aos satélites, aos microscópios, aos coordenadores, se evitarmos as questões sobre valores fundamentais, corremos o risco de promover espíritos infelizes, que sabem tudo, menos a razão por que vivem. Devemos dar oportunidade a que as verdadeiras questões, as questões críticas sobre a vida e a morte sejam claramente tratadas. As nossas comunidades deve ser lugares onde se reúnem os que põem estas grandes questões e procuram o sentido delas, sem terem que hesitar diante das nossas portas.

A comunidade de formação, e todas as comunidades devem ser ESPAÇOS DE FRATERNIDADE. Ter 'companheiros' de toda a espécie sugere que se trata de uma viagem, para nós e para os outros. Isto deveria levar-nos à gentileza, à nitidez e à alegria, projecto que todos sonhamos; mas acontece-nos hesitar, com o receio de que a chegada nos esperem novas obrigações de amizade! Se aceitarmos viajar com companheiros

verdadeiramente amados, que dificuldades poderiam paralisar-nos? Estes companheiros estão presentes apenas para aumentar a nossa força; precisamos deles sobretudo para partilhar a sabedoria do que é evidente, para repetir, e repetir mesmo aos nossos espíritos obtusos, que nunca temos totalmente razão, que todos somos frágeis, que a riqueza do planeta deveria ser mais equitativamente repartida e que nada tem importância, a não ser o agir com fidelidade contínua ao amor (James DUNNING). Quanto mais tensas, concorrenciais e extremas forem as situações no nosso mundo, mais difícil é entrar em verdadeira comunhão com uma outra pessoa. Mas se os jovens, durante o tempo em que procuram o seu lugar e a sua visão da vida, não encontrarem uma comunidade fraterna, esta procura será naturalmente amarga em vez de ser entusiasmante, limitada em vez de amadurecida, fria e calculadora em vez de aberta e acolhedora.

A comunidade de formação e todas as comunidades devem consagrar toda a sua energia a apresentar uma "COMUNIDADE EM CRISTO". É totalmente diferente de um hotel ou de um grupo de relações humanas. Viver ao lado uns dos outros é uma situação tremenda, que exige um guia experimentado, para encontrar o equilíbrio indispensável para se viver ao serviço do mundo, e viver ao mesmo tempo com convicção e abertura, viver o compromisso missionário e a disponibilidade espiritana, que por vezes significarão deixar as pessoas com as quais tão intensamente se partilhou a vida numa verdadeira comunidade.

A comunidade de formação e todas as comunidades devem ser um LUGAR DE TRADIÇÃO. Com Jarislov PELIKAN saibamos distinguir as tradições, "fé morta de pessoas vivas", e as tradições, "fé viva de pessoas que já morreram". Devemos partilhar o "donde vem isto?" da nossa história comum, as nossas raízes, a sabedoria acumulada pelos nossos predecessores. Devemos reunir-nos como "à volta do fogo" e partilhar a inspiração das Escrituras, dos nossos Fundadores, os Des Places, Libermann, Laval e outros. No meio das correntes tão numerosas a solicitar a nossa adesão, temos necessidade da sólida tradição; precisamos uns dos outros para nos repetir que não é loucura crer que a vida melhor para nós está baseada na pobreza em espírito, na pureza de vida, na escuta da Palavra de Deus incarnada na comunidade, no primado da bondade, na fome de justiça e na procura da paz. As nossas tradições farão com que olhemos o dia de hoje com um olhar clarificado e avancemos com confiança para o mundo que está a nascer.

A comunidade de formação e todas as comunidades são chamadas a ser um ESPAÇO PARA A FESTA, onde nos alegamos com a Boa Nova, onde nos regozijamos com os dons que Deus fez a cada um de nós.

JUNTOS

Assim, aceitamos reflectir juntos:

A experiência do ultramar ou intercultural é uma realidade em quase todas as Províncias. É incontestavelmente benéfica. Será necessário ter neste domínio orientações mais directivas? Se houvesse colaboração internacional, não seria possível ter programas de qualidade superior e estruturas mais adaptadas? Será necessário reflectir em conjunto.

A direcção espiritual. O Capítulo não é equívoco neste ponto (cf. V.E., 163). Cada estudante deveria ter um director espiritual (e não apenas cada estudante!). Sem dúvida que houve, no passado, em alguns casos, direcções espirituais "negativas", a ponto de barrar o caminho a qualquer exploração de experiência contemporânea que procurava, lealmente, sinais de referência nos caminhos de Deus, com um olhar interior, inspirado por uma fé profunda, sobre as necessidades do mundo na época de então. Pode ser que a função do director espiritual seja diferente do que muitos Espiritanos possam ter experimentado no passado. O director espiritual deve ajudar a compreender, objectivar e articular a vida de fé, esperança e amor do estudante, tornando-o capaz de discernir os apelos de Deus e de a eles responder com a sua própria vida, no contexto do desenvolvimento da comunidade cristã. É uma ajuda indispensável para melhor tomar consciência do mundo e da sua evolução, para disso apelar para a fé do estudante e seu empenho. São necessários directores experimentados, treinados em métodos de direcção espiritual contemporâneos, para nos empenhar

em direcção ao futuro; e não será LIBERMANN um modelo sempre actual nesta direcção espiritual?

A especialização. Cada Espiritano é, para toda a Congregação, um dom precioso, cuja personalidade e capacidades devem poder desenvolver-se totalmente. A diversificação, na realização do nosso Projecto comum, não será um sinal quanto ao futuro? Não será necessário sermos mais maleáveis e procurarmos modos novos de favorecer os talentos pessoais e os dons que devem ser postos à disposição da Congregação, no prosseguimento da sua missão ?

A comunidade com leigos e outros religiosos. Reflectindo sobre a reunião inter-americana dos Superiores Maiores no Chile, o encontro dos Superiores Maiores espiritanos da América do Norte, em Porto Rico, declarou: "...desejamos chamar a atenção para o lugar das mulheres no movimento de libertação, e propomos que este assunto seja discutido a todos os diferentes níveis da Congregação... No que se refere aos programas de formação, o resultado a alcançar seria o de tornar os nossos confrades capazes de trabalhar com mulheres, em pé de igualdade... Neste mundo novo em que entramos, temos de aprender a entrar com entusiasmo e simplicidade nos grandes movimentos igualitários do nosso tempo e levar-lhes o fermento do Evangelho. Talvez estejamos a sonhar, mas nós vemos nos dias de amanhã, os Espiritanos respeitar plenamente a variedade de vocações na Igreja, colaborar, na harmonia e respeito mútuo, pela construção do Reino de Deus, assegurar a Missão, com outros cristãos, homens ou mulheres, de outras obediências religiosas, ou simplesmente "de boa vontade", prontos a desempenhar um papel subordinado de amparo, mesmo anónimo, ensinar a servir de graça aos que quisermos servir. E tudo isto, incontestavelmente, tem implicações nas nossas comunidades de formação.

A internacionalidade. O Capítulo viu-a como caminho para o nosso futuro, mas deixou a cada um de nós traduzir este desejo nos programas e nos factos. Primeiramente, no nosso diálogo, precisamos de clarificar os motivos da internacionalidade, pois, de outra forma, isto torna-se um slogan sem conteúdo. Precisamos de aprofundar o Evangelho, visto ele derrubar todas as barreiras de raças, nações e culturas. As novas Fundações são um sinal de nova primavera na Congregação; mas, se não aprendermos a olhar a formação, e mesmo toda a realidade, através dos olhos dos nossos irmãos das Fundações, esta promessa de uma nova primavera transformar-se-á em divisões e oposições. É necessária uma conversão — a conversão pela morte a nós mesmos — para renascermos enriquecidos pela realidade e valor da cultura do outro.

Todavia, neste caminho da internacionalidade, não deve ser perdida de vista uma realidade misteriosa : será possível sermos homens que ultrapassem as fronteiras, sem estarmos profundamente enraizados na nossa própria cultura ? sem termos nem interesse directo nem uma certa inserção na Igreja local de que somos originários ? Devemos aperfeiçoar-nos na nossa própria cultura, para podermos abrir-nos à cultura dos outros. Estes dois valores devem equilibrar-se e integrar-se. Mas, na nossa "viagem através do futuro", devemos e podemos encontrar o meio de oferecer um certo número de experiências internacionais, tanto aos formadores como aos estudantes, para promover o espírito de abertura e estar prontos a aprender dos outros. É o Evangelho que no-lo pede, e a nossa presença missionária, do mesmo modo que o futuro, depende disso. Seria estúpido impor, quanto à internacionalização, um modo de fazer uniforme, que meteria toda a gente no mesmo molde; queremos, no entanto, oferecer ocasiões, muitas ocasiões, assim o esperamos, de responder aos desejos dos confrades, jovens ou menos jovens, e às exigências do Evangelho, para a formação de verdadeiras comunidades de irmãos, irmãos sensíveis aos sinais que anunciam a idade futura, de irmãos que acolham, como sinal do nosso tempo, o facto de ultrapassar as fronteiras.

A NOSSA FUNÇÃO

Neste primeiro tempo da actual animação da Equipa Generalícia, queremos encorajar todos os que directamente estão empenhados no trabalho da formação. O nosso futuro depende de vós. Juntamente convosco queremos, decididos e confiantes, pôr-

-nos a caminho para este futuro.

Comprometemo-nos a trabalhar, como vós o pedistes, na animação, coordenação e comunicação, com vista à unidade de todos, no real respeito da riquíssima variedade das culturas que nos define na Igreja e no mundo que está a vir. Comprometemo-nos a ajudar as Províncias e Fundações mais necessitadas; comprometemo-nos a ajudar também os que julgam que o Capítulo não foi bastante longeno que concerne a internacionalização; os que, por causa da sua situação, se sentem abandonados; os que não têm pessoal para a formação; os que têm medo de que a sua Província morra. Lançamos um apelo a toda a Congregação, para que, em espírito de fraterna colaboração, vá ao encontro dos que têm necessidade de ajuda. Em diálogo convosco, e sabendo que partilhamos os momentos de dúvida e de cegueira, exortamos toda a Congregação a viver confiantes no futuro. Esta esperança viva requer que ponhamos em acção toda a nossa energia. Temos de investir o melhor dos nossos recursos num futuro mal conhecido, mas sem esquecer que a formação hoje exige uma sensibilidade particular a respeito de tudo o que está a nascer.

PORQUÊ TEMER ?

Uma coisa é clara: o caminho do Evangelho, que é o caminho da renúncia, do dom de si mesmo no coração dos problemas humanos, o caminho da resposta ao apelo do Evangelho, pois ele é, profunda e simplesmente, o preço do amor. A formação na liberdade é a única resposta capaz de afrontar as situações difíceis e crucificantes da Missão de hoje, num trabalho missionário que, por vezes, não tem eco, permanecendo capazes de se revoltar contra a injustiça e pondo-se deliberadamente do lado dos rejeitados pela sociedade. A formação deve preparar-nos para combater as forças que, nestes tempos de transição, queriam relativizar, e mesmo eliminar, os obreiros evangélicos de hoje. A resposta encontra-se, sem dúvida, na certeza de que tudo nos foi dado por Cristo. E, se tudo nos foi dado, não há nada a perder. E se não há nada a perder, porquê ter medo?

EQUIPA GENERALÍCIA

Responsáveis pela disposição e tradução: PP. Jean GODARD e Amadeu MARTINS
Clivo di Cinna, 195
00136 ROMA (Italia).